
RECENSÕES

Recensão do livro – Luiza Cortesão e Fátima Pinto (orgs.), *O Povo Cigano: Cidadãos na Sombra (Processos Explícitos e Ocultos de Exclusão)*, Porto: Edições Afrontamento, 1995, 113p.

Proponho-me ser um marcador de *traço* grosso sobre as principais questões que me foram suscitadas pela *leitura* do livro.

Não sou especialista em etnias ciganas, mas o tema atrai-me, designadamente por lhe reconhecer fortes *coincidências/similitudes* com o problema dos grupos pobres/excluídos da nossa sociedade (de que me tenho ocupado mais recentemente). Porquê?

- pela natureza cumulativa das várias exclusões que vivenciam;
- pelo carácter intergeracional das potencialidades e limites da sua condição (neste caso étnica).

A par da classe, o género e a etnia estão entre as principais fracturas da sociedade actual. A questão étnica não tem tido, em geral, e entre nós em particular, a atenção científica e cívica proporcional ao seu lugar e papel na sociedade actual.

Um dos autores refere que à desvalorização comum do tema, se poderá juntar a não preocupação da designada cultura erudita: quer através das disciplinas sociais como pela literatura (dentre as escassas referências possíveis reavivou-me a vontade de reler a Farsa das Ciganas de Gil Vicente).

Desse desinteresse/desvalorização resulta

parte da importância e a oportunidade das iniciativas neste campo, e em particular as que forneçam instrumentos para posteriores reflexões e aprofundamentos, como é o caso deste livro.

Para além deste contributo, uma outra particularidade podemos encontrar nesta publicação – ela dá uma especial atenção às pessoas e seus modos diferentes de viver, isto é, ocupa-se e interessa-se por conhecer as pessoas reais que habitam as estruturas.

Todos os textos estão perpassados por duas preocupações centrais cujo esforço de combinação ainda hoje, se pode considerar notório no domínio das ciências sociais:

- o interesse por um *conhecimento acrescido* a par com
- a *reflexão e o ensaio para a mudança social*,
(a clássica dupla investigação e intervenção)

Através de *olhares diferentes*, há esforços comuns que atravessam as diversas contribuições:

- 1 – o reforço do conhecimento da etnia cigana na sociedade portuguesa;
- 2 – a abordagem de diversos modos de

relação entre a etnia cigana e os grupos de cultura dominante;

3 – a escolha de campos ilustrativos de análise, como:

- a trajetória de medidas legislativas das várias governações ao longo dos cinco últimos séculos;
- os percursos escolares;
- a inserção profissional;
- interações com situações específicas (no caso, a droga e a reclusão).

São vários os caminhos percorridos:

No primeiro texto traça-se uma breve história da exclusão da etnia cigana em Portugal. Lendo o texto vale a pena acrescentar a história de uma persistente exclusão.

Relatam-se e analisam-se as principais medidas delimitativas, repressivas e persecutórias face à etnia cigana. E no final interroga-se a falência da estratégia estatal, onde as tentativas de integração se confundem com as medidas orientadas para a *dissolução ou domesticação* do povo cigano: entre a expulsão e a integração, passando pela liberdade vigiada.

Num outro texto aborda-se a *escolarização das crianças ciganas*. Evidencia-se o profundo desfasamento entre a racionalidade escolar, tal como foi concebida e as suas ofertas orientadas para um grupo ideal de luso-branco-católicos/as (como tem vindo a ser designado por analistas neste domínio). E a constatação resulta clara: a etnia cigana é múltiplamente penalizada, como o confirmaram, por exemplo as taxas elevadas de reprovações.

A Etnia Cigana e a Prevenção da Toxicodependência: é recente a relação quer com o tráfico quer com o consumo de droga, trata-se todavia, de domínio que está a atingir a etnia cigana por comportamentos individuais e colectivos anteriormente só conhecidos nos outros.

Nos diversos passos da experiência relatada, chama-se a atenção para a simultânea *particularidade e generalidade* face ao problema; sendo *em geral* o mesmo problema, o seu entendimento e enfrentamento é permeado por lógicas diferentes. Um dos aspectos acentuados é de que tal problema é vivido como um problema da família como um todo, e não individual, família que, por outro lado, recusa o trabalho de grupo e a terapia familiar.

O Cigano em Meio Prisional (Estudo de Caso) – é um outro campo de observação utilizado e onde, basicamente, se constata a persistência intra-muros dos traços culturais desta etnia, traduzidos por exemplo:

- nas relações de liderança;
- nas actividades que privilegiam (ou a escola ou a profissão, mas pouco a formação profissional);
- nos hábitos alimentares.

A “pena” atribuída individualmente é, todavia, suportada solidariamente pela família.

Etnia Cigana: Realidade Socio-Cultural Múltipla e Dinâmica – trata-se de um estudo de caso que aborda a configuração, valores e atitudes de uma comunidade de etnia cigana, onde se analisa uma experiência no campo da “promoção económica desta comunidade”.

Neste domínio, de novo, se refere o dilema entre a "necessidade" de inclusão no mercado de trabalho e a preservação da sua identidade e autonomia étnicas.

Conforme referimos, todas as reflexões produzidas são atravessadas por um eixo de preocupações com o modo de *conceber e concretizar mudanças*, o que alguns traduzem pelo termo *integração*.

Hoje são várias as prevenções quanto a este conceito/objectivo – *integração* – entre outros motivos pelo peso que ele transporta de intervenções de assimilação, onde o contexto societal envolvente se configura como a meta para os outros (mesmo quando não é o paraíso para nós próprios).

É fácil reconhecer nalguns dos processos de integração até hoje desenvolvidos, medidas que vão da *exclusão* (sempre assacada à responsabilidade e aos comportamentos individuais) até às *medidas de incorporação massiva* (como bem o podem ser a inclusão compulsiva na escola ou em actividades de formação profissional). Mais recentemente pode falar-se de integração sujeita à lógica do *igualitarismo formal*.

Estas várias concepções são suportadas por maneiras de perceber, interpretar e abordar a diferença que podem recobrir três formas (segundo a reflexão feita pelo sociólogo Mariano Enguita – ver artigo neste número).

Uma concepção a que chama de *carencial* – onde a etnia cigana é entendida como diferente por razões de déficite de vária ordem (escolar, habitacional, profissional). A esta concepção fazem-se corresponder políticas de apoio e integração compensatórias dos déficites.

Uma segunda concepção é a designada

de *reconhecimento explícito*: reconhece-se uma diferença que se trabalha em termos de estilos de vida, mas não de oportunidades de melhor viver.

Uma terceira concepção é a da *negociação*, onde as decisões se tomam, com os próprios, balanceando entre

- o que a sociedade global quer para todos e
- o que os grupos específicos reivindicam como importante para si.

Curiosamente, ao introduzir a questão de mudança social na reflexão sobre as etnias, e ao relacioná-la com as particularidades culturais da etnia estudada, parece que as interrogações formuladas, como por efeito de ricochete, questionam sobretudo a sociedade no seu conjunto. Permitam-me que refira alguns exemplos:

- 1 – A afirmação dos direitos humanos para os grupos étnicos sugere-nos pensar na combinação entre os direitos gerais e direitos específicos.
- 2 – A persistência na etnia cigana de uma óptica grupal, colectiva, mesmo de clã, onde baseiam e reforçam solidariedades, interpela-nos sobre o crescente individualismo e até isolamento na sociedade de hoje (tão mais experimentada quanto mais se habitam espaços densamente povoados).
- 3 – As suas estratégias de sobrevivência desafiam e respondem, de uma forma dita atípica, não padronizada, até a-social, a lógica societal vigente

de cada um hoje dever prover às suas próprias necessidades.

- 4 – A sua concepção de um mundo onde as fronteiras são irrelevantes, é uma concepção que embora contundente com o Tratado de Schengen, parece melhor se articular com as “oportunidades” globais.
- 5 – O entendimento e vivência grupal-colectivista abarca na etnia cigana uma racionalidade global da vida e do viver, envolvendo num todo aquilo que Ian Gough e Len Doyal () consideram ser os dois pilares fundamentais das necessidades humanas: a sobrevivência e a autonomia. E assim se solidarizam para a garantia da existência diária como para a defesa da sua identidade e autonomia.
- 6 – O seu persistente gosto pela convivialidade e pela festa interpela-nos sobre o valor e lugar destas necessidades humanas no nosso quotidiano.
- 7 – Não só pela relação que estabelecem com o trabalho, mas com as restantes dimensões da vida, em tudo e sempre nos interpelam sobre a aparentemente inevitável lógica individual e mercantilista da sociedade (onde os queremos integrar).

Assim sendo, poderíamos falar deste, como de outros grupos sociais remetidos para as margens da sociedade, como:

- campos de aprendizagem societal e cívica, com um potencial prospectivo a ser valorizado;

- campos de contínua projecção de medidas e de políticas descricionárias, e como tal um campo de atenção privilegiado face às irregularidades e incumprimentos do nosso complexo societal.

Já se reconhece hoje que alguns dos avanços mais significativos em matéria de provisões estatais de protecção social resultaram do contributo reivindicativo das mulheres e das etnias – ambos forçaram a reorientação da protecção social que, à partida e por muito tempo, foi concebida para homens trabalhadores, territorialmente inseridos e pertencentes à etnia dominante.

Concluo para mim, e divido convosco esta convicção, de que a atenção pelo estudo e intervenção com as etnias ciganas, como com outros grupos «diferentes», se revela particularmente *desocultadora* do modo de ser e viver na sociedade global, sobre a qual estes grupos se proporcionam com um potencial *interpelador* e mesmo *alternativo*.

E retomando a feliz expressão do título do livro *O POVO CIGANO: CIDADÃOS NA SOMBRA*, e na base do contributo da reflexão nele produzida, podemos verificar que estes cidadãos por estarem postos na sombra nem por isso se tornaram cinzentos... e quão inumeráveis são os cinzentos que “vivem ao sol” na nossa sociedade.

Sem querer fazer futurologia fácil, mas aceitando o desafio de Boaventura Sousa Santos de “prever o passado” como forma de elucidar o caminho subsequente, penso podermos constatar que estamos perante uma etnia cuja determinação e força identitária nos estimula a novas e mais profundas explorações na *nossa* sociedade.

Gostaria de terminar com o sabor de um olhar de uma cigana sobre "eles", sobre nós afinal...

Entretanto agradeço às/aos autoras/res o seu trabalho e, ainda, pelo estímulo proporcionado pela sua reflexão em área tão negligenciada.

O QUE A CIGANA DISSE AOS SEUS FILHOS

Nós somos como a morte
invisíveis para os que não
querem ver,
a nossa cor é a única protecção contra
o silêncio mortífero dos olhos deles
e o carmesim das nossas tendas
lança como que um grito
nos campos dos nossos inimigos,

e o ambar quente das nossas fogueiras
onde nos juntamos para erguer as nossas vozes
no lamento purpúreo dos nossos cantos.
E bem para além do alcance dos sentidos deles,
onde todas as cores se misturam numa só,
nós ergueremos as nossas cidades de luz,
vamos talhá-las
não como o granito da sua inimizade (ódio)
mas com as nossas mãos morenas (castanhas).

Judith Ortiz Cofer

Unsettling America – An Anthology of Contemporary Multicultural Poetry, Maria Mazziotti Gillan e Jennifer Gillan (orgs.), Nova Iorque: Penguin Books, 1994

FERNANDA RODRIGUES